

Um ensino de *Linguagem Sonora* para curso de Jornalismo¹

Nivaldo Ferraz²

Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, SP

Resumo

Uma averiguação crítica sobre a eficiência em um processo pedagógico de ensino de *Linguagem Sonora* em curso de graduação de Jornalismo. Abordagem teórica sobre Cultura e Sociedade, do ponto de vista do ensinar e do aprender a constituir mensagens informativas com sons. A proposta de ensino para alunos parte da tradição histórica e social radiofônica e perpassa por fases técnicas de formulação de produtos para áudio.

Palavras-chave

Ensino, linguagem sonora, jornalismo, Rádio, cultura

Introdução: Cultura, Jornalismo e pensamento crítico

O trabalho intelectual do ensino contribui, de forma residual e ao largo de tempo, com a configuração da *Cultura* na qual este trabalho está inserido. Como me proponho neste artigo a verificar quão eficiente pode ser o ensino que aplico sobre *Linguagem Sonora* na formação do estudante de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, parto da hipótese de que esse ensino, quando engendrado em nível de certa eficiência, contribui para a formação cultural deste estudante. O artigo de propõe a verificar essa hipótese.

Estando, portanto, a questão da *Cultura* em posição crucial na relação com o ensino, para uma posterior constatação a respeito do aprendizado em *Linguagem Sonora* adquirido por alunos de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, interessa o princípio de *Cultura*, entre muitos autores, desenvolvido por Raymond Williams³, porque ele considera o jornalismo uma instituição social importante na formação cultural da Sociedade. Em seus estudos culturais, Williams defende a origem do conceito de cultura vindo da lida com a terra com a criação de animais, tendo evoluído

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor e mestre formado pela ECA-USP. Jornalista formado pela Universidade Metodista de São Paulo. Professor e coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, e-mail: ferraznivaldo@gmail.com

³ Raymond Williams (1921-1988) foi professor das Universidades de Oxford e Cambridge, um dos contribuintes dos *estudos culturais* britânicos, estudioso da literatura, do teatro e da cultura de massa. Em seus escritos dedicou-se a compreender a Cultura e a Sociedade, sobretudo a britânica do século XX.

para a visão de uma “convergência de interesses”, em que se destacam duas formas principais:

(a) ênfase no espírito formador de um modo de vida global, manifesto por todo âmbito das atividades sociais, porém mais evidente em atividades especificamente culturais – uma certa linguagem, estilos de arte, tipos de trabalho intelectual; e (b) ênfase em uma ordem social global no seio da qual uma cultura específica, quanto a estilos de arte e tipos de trabalho intelectual, é considerada produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais. (WILLIAMS, 1992, p. 11)

É evidente, como o próprio Williams aponta em *Palavras-Chave* (2007), que o termo *Cultura* é de uma complexidade própria (pg.121) e o que se estabelece a partir da modernidade é “o substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. [...] cultura é música, literatura, pintura, escultura, teatro e cinema.” (WILLIAMS, 2007). Estendo, partindo do princípio de Williams, a noção de que *Cultura* é também a difusão disso tudo praticada pelo Jornalismo. Seja enquanto captador, formulador e expositor de informações com vistas a formar público pelo caminho do item (a), seja como propositor de informações pelo caminho do item (b), o Jornalismo é definitivamente um agente que promove o acesso ao conhecimento da cultura contemporânea. Podemos querer os que somos educadores e professores que ensinam Jornalismo em suas diversas manifestações e formatos, que ele seja usado como uma ferramenta de promoção social, que ganha sustentação quando vertida como forma de tradução de conhecimento para proporcionar poder de decisão para além da fome, da miséria e da ignorância.

Sob esta perspectiva, os educadores podemos formular em nosso ensino no campo jornalístico uma “ação cultural para a liberdade”, expressão tomada do educador Paulo Freire, título de um livro que recolheu algumas palestras feitas por ele. Em uma delas, Freire adverte sobre “O papel do trabalhador social no processo de mudança” (1968), expressa, com a propriedade cabível também ao professor de Jornalismo, que

não possa ser o trabalhador social, como educador que é, um técnico friamente neutro. Silenciar sua opção, escondê-la no emaranhado de suas técnicas ou disfarçá-la com a proclamação de sua neutralidade não significa na verdade ser neutro mas, ao contrário, trabalhar pela preservação do ‘status quo.’” (FREIRE, 1982, p).

A visão de Freire é também oportuna nestes tempos brasileiros, em que uma ideia de “escola sem partido” demonstra sua fragilidade teórica justamente pela aproximação com um falso distanciamento ideológico que incita a manutenção do “status quo”. Pensar o Jornalismo com falsa imparcialidade da notícia pode significar uma

determinação de passividade diante de injustiças sociais normalmente proporcionadas por classes a quem interessa a manutenção do “status quo”. Entendo que uma de nossas tarefas como professores é levar para estudantes de Jornalismo dados e elementos suficientes para que tenham sua própria percepção e possam construir sua crítica específica à mídia em geral e ao seu funcionamento atrelado ao capitalismo.

O que busco ao ministrar a disciplina *Linguagem Sonora* é conseguir dos jovens estudantes expressões jornalísticas que lancem mão da sofisticada linguagem originária do Rádio e que carreguem consigo significado social. A proposta de fundo é buscar um estado de liberdade em desenvolver conteúdos jornalísticos sonoros que apontem sinais de mudanças sociais por um lado, e por outro apontar evidências de reforços e manutenção do *status quo* por constituição crítica.

De posse do conhecimento sobre como funciona o sistema de informações institucionalizadas e mantidas por grandes conglomerados de um lado, e com as possibilidades de se fazer o contrário por outro, pode o estudante de Jornalismo, em sua independência, escolher entre auxiliar no esclarecimento e participação de grupos sociais frágeis política e economicamente; ou compreender que faz parte de um sistema para consumo ao gosto da aristocracia que se identifica ao ver-se refletida e ver refletidos seus valores em páginas, sites, jornais e emissoras informativas.

Mesmo sob a égide de uma evidente decadência dos ciclos de produção jornalística estabelecidos no século passado, “marcados pela entrega do jornal diário, pelo horário esperado do jornal na TV e no rádio, aparece a ‘angústia da informação’[...]” (RAMOS, 2016), ainda se podem apontar os ciclos que exigem tempos e espaços para a observação da alma humana diante de cada fato, e para a experimentação de conformações de notícias de base sonora em escolas de Jornalismo, em que essas observações da alma humana prevaleçam. E ainda, a despeito da revolução que a vida digital trouxe ao Jornalismo, aliás, por ela mesma que a experiência periódica ainda não se perdeu e sobrevivem pensamentos do século passado sobre essa ciência, pois a “influência jornalística se espalha por todas as áreas da vida.” (GROTH, 2011, p. 31).

A disciplina *Linguagem Sonora* diante das Diretrizes para os cursos de Jornalismo

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação de Jornalismo, publicadas no DOU em 27 de setembro de 2013, determinaram muitas alterações na

então matriz curricular do curso da Universidade Anhembi Morumbi, iniciada em 2013. Diante das exigências que uma nova matriz deveria atender e do aproveitamento institucional que a Diretoria de Qualidade Acadêmica da Universidade implantou, um dos caminhos possíveis à coordenação acadêmica do curso foi estabelecer algumas disciplinas com 40 horas aula, uma vez que escoaram para uma espécie de “funil” muitas divisões disciplinares vistas como necessárias para cumprir as Diretrizes por um lado, por outro na lida com alguns limites, para que não se expandisse muito a carga horária total do curso, exigida pelas Diretrizes em no mínimo de 3.000 horas. Nova determinação da Universidade de haver disciplinas apenas de 80 horas fez a coordenação acadêmica fundir duas disciplinas de 40 horas em uma de 80. Desta forma, nasceram na matriz curricular nomenclaturas como *Linguagem Sonora e Mídias Digitais* como uma disciplina de 80 horas. Com a fusão feita, o Plano de Ensino dela tornou-se um documento único que busca integrar os dois temas, sem que nem *Linguagem Sonora*, nem *Mídias Digitais* prevaleçam uma sobre outra. Há uma relação entre elas em alguns aspectos avaliativos, mas na maior parte do tempo do semestre são dadas como duas disciplinas isoladas, alinhadas no 1º Semestre do curso.

Empossado como coordenador do curso desde 2007 e por minha formação na originalidade do *Radiojornalismo* como linguagem informativa e do Rádio como meio de expressão, ampliei em 40 horas aula a mais na nova matriz curricular a carga horária na formação dos alunos na habilidade de pesquisa, planejamento, pauta, reportagens e formatações de programas jornalísticos para Rádio e modelos de sons em áudio. Justamente as 40 horas aula de *Linguagem Sonora*, que ministro há dois anos.

Ao mesmo tempo, mantive na formatação da nova matriz curricular uma tradição acadêmica criada por coordenações anteriores do mesmo curso, em que a formação prática do aluno se inicia pela área sonora, passa pela audiovisual (TV) enquanto os princípios de mídias digitais se iniciam em paralelo. Somente depois dos processos de amadurecimento do texto jornalístico para estas plataformas é que o aprendizado desemboca nas formações práticas em jornal e revista para meios impresso e digital. O último passo da formação prática dedica-se a levar o aluno a formatar produtos em Convergência de Mídias, de forma a concluir seu aprendizado prático com todas as formas de expressão na passagem pelo curso.

Embora as Diretrizes Nacionais não falem diretamente sobre o ensino de informação sonora para o jornalista, observo, independentemente também das

tendências do mercado da informação, a necessidade de alunos entenderem a singular *Linguagem Sonora* como elemento fundamental de comunicação da informação, instando-os a compreender e iniciar a prática de uma forma de comunicar falada dinâmica, direta e rápida a um usuário/ouvinte que encurta exponencialmente o tempo disponível a receber informações, diante da vasta oferta delas por meios digitais.

Em seu plano de ensino, a ementa da disciplina *Linguagem Sonora e Mídias Digitais* se auto define:

A disciplina aborda a importância do som como elemento de constituição de gêneros diversos das mídias. Observa o uso dos elementos de sonoplastia e de narrativas sonoras, os vínculos sociais que o rádio proporciona e apresenta parte da história do rádio brasileiro. A disciplina também explora o impacto que as Mídias Sociais provocam na produção de conteúdos nas comunicações sociais, o nascimento de novas fontes de comunicação e tendências independentes de definir notícia.⁴

Observada na ementa a descrição ao que se destina a disciplina no âmbito da *Linguagem Sonora* e extraíndo os fatores técnicos e históricos, início o semestre letivo destacando a questão sobre os vínculos sociais proporcionados pelo rádio. Para estabelecer esse conceito, o primeiro texto que os alunos precisam ler para a segunda semana do semestre letivo é o Capítulo 1 do livro *Rádio: teoria e prática*, de Luiz Artur Ferraretto (2014), sobre os conceitos do Rádio. Uma semana depois, uma aula expositiva sobre pontos do capítulo é dada. Nesta aula, ênfase no texto a passagem que demonstra o rádio como “instituição social”, ou como “criação cultural”, da forma como prefere Meditsch, inspirado por Otto Groth quando este último fala sobre o jornal impresso:

Assim como a existência de um jornal não se restringe ao calhamaço de papel impresso que foi publicado hoje, nem ao que foi publicado ontem, mas que se vincula a uma ideia objetivada e apoiada numa instituição social, que permeia e supera a edição de cada dia, a existência de uma emissora de rádio em particular, e do rádio em geral como instituição, não pode mais ser atrelada à natureza dos equipamentos de transmissão e recepção utilizados para lhe dar vida, mas sim à especificidade do fluxo sonoro que proporciona e às relações socioculturais que a partir dele se estabelecem. (MEDITSCH, apud FERRARETTO (2014, p. 18-19)

Para enfatizar o rádio como um dos promotores destas “relações socioculturais” de que fala Meditsch, minha intenção primordial na segunda semana de aula, além de difundir os conceitos básicos do rádio, é promover um debate sobre como os jovens alunos podem enxergar a produção de materiais sonoros que expressem notícias que normalmente não são filtradas pelas grandes corporações, muitas vezes por

⁴Ementa disponível em âmbito digital aos alunos matriculados na disciplina. Constante do Projeto Pedagógico do curso, documento considerado privado pela Universidade Anhembi Morumbi.

representarem grupos socialmente minoritários, desfavorecidos, com tendências comportamentais e de pensamento que não interessam às tendências e pensamento desses conglomerados. Uma das maiores dificuldades na lida com essa geração que já nasceu com a oferta dessas possibilidades de tecnologia digital para produzir conteúdo sempre à sua mão, é demonstrar que o que está ao dispor deles é uma possibilidade de revolução nas comunicações, de desestrutura da centralização da produção da notícia no jornalismo convencional. E que por isso são ferramentas políticas.

Além dos elementos do texto de Ferraretto (2014), injeto no discurso a “pluralidade do rádio” como aponta o espanhol Mariano Cebrián Herreros (2001, p. 46), e a constituição dos 4 elementos sonoros difundidos pelo rádio (palavra, ruído, música e silêncio) assim como apresentou Armand Balsebre (2007, p. 22).

A sequência de aulas do semestre aponta as características teórico-práticas da *Linguagem Sonora* em proposições de leituras de textos e conhecimentos históricos, alinhando-a, desta forma, entre os eixos IV e V de formação (Artigo 6, pg. 4) descritos nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo:

IV - Eixo de formação profissional, que objetiva fundamentar o conhecimento teórico e prático, familiarizando os estudantes com os processos de gestão, produção, métodos e técnicas de apuração, redação e edição jornalística, possibilitando-lhes investigar os acontecimentos relatados pelas fontes, bem como capacitá-los a exercer a crítica e a prática redacional em língua portuguesa, de acordo com os gêneros e os formatos jornalísticos instituídos, as inovações tecnológicas, retóricas e argumentativas.

V - Eixo de aplicação processual, cujo objetivo é o de fornecer ao jornalista ferramentas técnicas e metodológicas, de modo que possa efetuar coberturas em diferentes suportes: jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, assessorias de imprensa e outras demandas do mercado de trabalho. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO, 2013, p. 4)

Com aulas teóricas de alguns conceitos básicos e outros práticos sobre o Rádio, sobre seus elementos principais, sobre uma história do Rádio no Brasil e da informação transitada nele, esta parte da disciplina se identifica com o eixo IV da formação profissional, que “objetiva fundamentar o conhecimento teórico e prático”. Ao lado disto há propostas absolutamente práticas, como adaptação de um trecho de obra não radiofônica para o Rádio; constituição de uma expressão sonora sem palavras que conte uma história ou uma situação; nota de radiojornalismo escrita e que é lida em simulação de jornal ao vivo; e constituição de uma pauta para reportagem em rádio, fatores que

aproximam a disciplina do eixo V de formação profissional, em que a proposta é “fornecer ferramentas técnicas e metodológicas, de modo que possa efetuar coberturas em diferentes suportes: jornalismo impresso, radiojornalismo, telejornalismo, webjornalismo, assessorias de imprensa e outras demandas do mercado de trabalho”. A disciplina *Linguagem Sonora* contempla ainda o item III do Artigo 2º deste mesmo documento, segundo o qual a estrutura do curso de bacharelado em Jornalismo deve “promover a integração teoria/prática e a interdisciplinaridade entre os eixos de desenvolvimento curricular;” (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO, 2013, p. 1)

Entendo estarem também os propósitos da disciplina alinhados à sugestão de formação nesta área da informação sonora, conforme proposto pela UNESCO para competências no Jornalismo:

Jornalistas dos meios audiovisuais sabem como escrever visando à utilização da voz, de sons e imagens, como estabelecer o foco da história, como introduzir trechos gravados e ao vivo, como falar claramente, fluentemente e de forma interessante, usando corretamente o idioma. (MODELO CURRICULAR DA UNESCO PARA O ENSINO DO JORNALISMO, p.35)

***Linguagem Sonora* como princípio contemporâneo do Radiojornalismo**

A estratégia para conquistar o interesse de alunos de 1º Semestre de curso pode ser definitiva para que ele se decida por seguir na carreira de jornalista, ou desistir. Por essa importância, um detalhe apontado no processo do primeiro trabalho prático da disciplina é a entrada do aluno no conhecimento do fazer Rádio pela ficção. Um dos pontos estratégicos é levá-los por uma experiência prazerosa ao conhecimento do que é o Rádio. Escolher um texto ficcional, ser instruído sobre como adaptar para o rádio, dividir a interpretação dos personagens pelos elementos da equipe, ensaiar, gravar no estúdio e depois editar para entregar a adaptação para ser avaliada, é uma dinâmica que em geral diverte o aluno. Ludicamente ele entra no universo dos sons começando a aprender a fazer Rádio. Trato, durante esse processo, de traçar um paralelo entre a produção pela qual eles estão passando com a adaptação de um trecho ficcional, com o processo de produção de uma reportagem diferida (ou editada) para o Rádio, ou uma produção de informação em áudio ao modelo de podcast ou grande reportagem radiofônica. Para tanto, apresento aos alunos uma simples tabela comparativa, com semelhanças e diferenças entre o processo de produção de ficção em áudio e o processo,

voltado para a produção da informação em áudio, olhando especificamente para o conceito da reportagem, para o qual eles partirão em breve durante o semestre. A simples tabela com a comparação entre os dois processos, segue:

**AULA 4 – DRAMATURGIA NO RÁDIO: DIAGRAMA COMPARATIVO DE
PRODUÇÃO PARA AUDIO ENTRE
FICÇÃO E REALIDADE**

FASE	FICÇÃO	FASE	REALIDADE
1	Escolha do texto a	1	Seleção de um fato a (a)
2	Adaptação (Roteiro) b	1	Pesquisa, pauta e planejamento da cobertura b (a)
3	Ensaios c	1	Chegada ao local do fato, observação, conversas c (a)
4	Gravação falas e sonoplastia d	4	Captação (entrevistas e sons) d (d)
5	Edição e sonorização e	2	Roteiro da reportagem e (b)
		3	Gravação f (c) e (d)
		4	Edição e sonorização g (e)

Ao apresentar a tabela acima, a primeira questão que demonstro é como a narrativa da realidade para Rádio e áudio exige mais fases do que a narrativa da ficção para os mesmos meios. Justifico esse pensamento demonstrando que, enquanto na ficção o fato é dado de forma fechada no item **(a)**, na realidade o fato se constrói vivamente, enquanto o jornalista o acompanha, selecionando-o, pesquisando dados, planejando a cobertura, até chegar ao local do fato para captar os sons e as palavras com as quais vai compor parte de sua narrativa. Assim, na divisão da realidade, o jornalista consome os itens **(a)**, **(b)**, **(c)**, e **(d)**, enquanto que na ficção apenas realiza o item **(a)** para tratar da história a ser contada. Essa comparação pode ser melhor vista na leitura das colunas “Fases”, tanto da ficção quanto da realidade, na tabela acima. Aponto aos alunos, desta forma, que quando o jornalismo faz a reconstrução narrativa do fato é impossível não carregar em seu bojo uma ideologia, já que componente da formação social do ser humano (SODRÉ, 2009, p.10). Mostro também que outros esclarecimentos sobre os estudos de ideologia na constituição da notícia irão reaparecer aos alunos em outras disciplinas do curso. Na mesma vez, demonstro quão semelhantes são os processos de ficção e realidade no sentido de sua produção para meios de comunicação originais de massa, sobretudo do ponto de vista técnico de produção sonora e edição.

Em nova fase da disciplina, apresento duas aulas teóricas sobre a História do Rádio no Brasil, com apresentação em power point de imagens e sons da história do rádio e sobre o acompanhamento que o rádio fez de nossa história política e social. É necessário fazer um grande esforço de síntese. O texto de base para os alunos e para mediar meu discurso é *Radiojornalismo: fragmentos de história* (ORTRIWANO, 2003), em que a autora constrói uma linha de tempo relacionando os principais acontecimentos do país e o acompanhamento que o rádio fez deles. Também discute a evolução tecnológica do meio e como beneficiou a velocidade que caracteriza o rádio, além de contar os principais eventos que demonstram a evolução do Rádio. O discurso é composto por diversas influências vindas de autores que abordam a história do Rádio, lidos em meus estudos, de forma que estão embutidos no discurso das aulas fragmentos originais de FERRARETTO (2007), sobre trecho de uma reportagem de Flávio Alcaraz Gomes, da Rádio Guaíba, em 1967, em que narra parte da Guerra dos Seis Dias, de Israel contra o Egito; MOREIRA (1991), em relação às intenções do “pai do rádio”, Roquette-Pinto, de fazer do Rádio um espaço social de aprendizado; HAUSEN (1996) sobre Getúlio Vargas e o surgimento da figura política do populismo na América Latina; CABRAL, (2005) sobre a música brasileira nos primórdios do Rádio; MURCE (1976) a respeito do impacto do Rádio na cidade do Rio de Janeiro nos anos 1920 e 1930; e KLOCKNER (2011, p. 110-114) sobre o “manual sonoro” d’O Repórter Esso. Na escolha dos extratos de cada um está a totalidade do discurso destas aulas.

Em paralelo, proponho aos alunos pensarem em uma história curta a ser narrada em sons sem palavras, que batizo de “Expressão Sonora”, sendo esse um trabalho individual para ser feito fora do tempo da aula. Os alunos são orientados a lidarem minimamente com o software livre Audacity, apresentado por mim em seus caminhos de edição, a partir de um computador, com imagens projetadas em tela grande. Os alunos da turma ainda recebem pelo nosso Blackboard – software que funciona como um depósito das informações sobre as disciplinas que ele estuda no semestre – toda informação possível sobre a disciplina. No caso do Audacity, lá deposito um manual sobre o funcionamento do software, de autoria de Daniel Gambaro (2010).

As metodologias das quais a disciplina lança mão para desenvolver os conhecimentos e as habilidades dos alunos incluem dinâmicas diferentes e específicas para cada momento de produção dos trabalhos em grupo. O trabalho que exige o processo de produção em áudio da adaptação de um texto de origem literária, ou de

quadrinhos, ou de outras linguagens – menos a radiofônica – faz o aluno desenvolver habilidades de trabalhar em equipe (fundamental para o trabalho jornalístico), e ter consciência e concentração na distribuição de funções e no cumprimento da função que foi dada a cada um para que o trabalho se realize. Para conduzir os processos das equipes de forma objetiva e clara, me acompanha minha experiência em ficção para áudio entre os anos de 1982 a 1989.

A fase seguinte é de demonstração das regras para escrita de notas e notícias para o Rádio ao modelo de frases “manchetadas”, usadas há décadas como estilo de redação da Rádio Jovem Pan de São Paulo, como referência auditiva para os alunos. Princípio o discurso sobre notícia para Rádio por ZUCULOTO (2012), e expando para as aplicações de estudos de PORCHAT (1993) e FERRRETTO (2007) sobre o modelo de notícias manchetadas, em minhas apresentações sobre o modelo. A última fase do bimestre é cada aluno apresentar, em sequência que envolve toda a turma, uma notícia ao vivo, em simulação de radiojornal feita no Estúdio, comigo funcionando como âncora.

Depois que os alunos recebem suas notas de trabalhos e prova válidos para o que na Universidade chamamos de N1, começo a última rodada de um esforço para conhecimento de conceitos básicos e importância sobre pauta na construção da reportagem. Proponho aos alunos a preparação em grupo de uma pauta para reportagem em rádio, usando como “template” um modelo de pauta em que me apoio para explicar todos os passos e itens de sua construção. Nestas aulas, a referência principal que me atinge é de LAGE (2003). Depois de algumas rodadas de discussões com toda a classe, e em seguida em particular com cada grupo, decidem-se temas para a pauta de cada equipe a ser entregue como último trabalho. Busco deixar os alunos prontos para iniciar, no semestre seguinte, sua jornada na disciplina *Reportagem e Documentário no Rádio*.

Questionário para verificar eficiência no ensino de Linguagem Sonora

A possibilidade de validação para comprovar o que pretendo com este artigo é considerar como válidos os 20 questionários respondidos duas vezes pelos mesmos alunos, na representação do público de 36 alunos que formam uma turma de estudantes de Jornalismo da Universidade Anhembi Morumbi, de 1º Semestre do curso no chamado Campus Paulista ⁵. As diferenças numéricas entre os questionários aplicados

⁵ Campus Paulista 1 é localizado na Avenida Paulista, 2.000, Cerqueira César, São Paulo.

e validados e o número de alunos se explicam por duas variáveis: apliquei o primeiro questionário no primeiro dia de aula exclusivamente para apanhá-los antes de começarmos todo o aprendizado no conhecimento sobre *Linguagem Sonora* e sua utilidade na informação jornalística, sendo este também um dia em que uma pequena parte dos alunos não havia se matriculado ainda, o que é comum em uma universidade privada. Apliquei o segundo questionário, rigorosamente com as mesmas questões do primeiro, no penúltimo dia de aula, antes do dia da prova final, também com a intenção de, com o conteúdo todo apresentado, medir o aprendizado dos alunos na comparação das repostas feitas nos dois questionários. A escolha deste dia se deu em função de a prova final ser um momento tenso e de concentração dos alunos, para estarem voltados exclusivamente para a prova e não para outras questões agregadas à disciplina e que não validam nota. Neste penúltimo dia outros alunos faltaram. Desta forma, no desconto entre os que ainda não estavam no primeiro dia e os que faltaram no penúltimo dia, um conjunto de 20 alunos respondeu ao primeiro e ao segundo questionário.

Optei por 5 perguntas abertas na constituição do questionário, apoiando-me na relação de vantagens deste tipo de questionário, em que, segundo Mattar (1994), entre outras, “[...]cobrem muitos pontos além das questões fechadas; têm menos poder de influência nos respondentes do que as perguntas com alternativas previamente estabelecidas[...]” (MATTAR, 1994, apud VARGAS, s/d, p. 3). Para não correr riscos de generalizações que não se confirmariam ao final da pesquisa, adoto o “método de amostragem não-probabilísticos”, em primeiro lugar

quando os respondentes forem escolhidos porque eles são facilmente acessíveis ou os pesquisadores têm alguma justificativa por acreditar que eles são representativos da população. (VARGAS, s/d, p. 8)

E ainda por duas outras razões, segundo as quais “a população designada é muito específica e de disponibilidade limitada” (VARGAS, s/d, p. 8), o que é o caso dos estudantes de Jornalismo de 1º semestre de uma universidade privada paulistana; e “a amostra é um estudo piloto, não a pesquisa final, e um grupo não aleatório está disponível.” (VARGAS, s/d, p. 8). Neste caso, “a pesquisa final” a que ela se refere, no que percebo, seria um longo estudo do aprendizado dos alunos ou do curso desta Universidade, ou de alunos de Jornalismo no Estado, na Região do país, ou seja, um objeto mais amplo ao qual um questionário aplicado também amplamente poderia responder.

Nas perguntas do questionário, o assunto central da disciplina *Linguagem Sonora* toma o corpo de, se observadas evoluções no que diz respeito à percepção da importância da informação jornalística sonora, ela própria configurar uma evolução na cultura dos alunos. Para análise das respostas, considero mais interessante seguir o caminho de análise qualitativa a partir de dados quantitativos, ainda que estes últimos levem a percentuais residuais espalhados por muitas respostas diferentes. A favor das questões abertas está o respeito à livre expressão do alunado no questionário, ao refletir sua diversidade de pensamento, de acesso, de interesses, com objetivos de trazer à tona sinais de aproximação aos conceitos também subjetivos de *Cultura*, aprendizado, *Linguagem Sonora*, processos didáticos.

Uma análise qualitativa de certos dados quantitativos

O recorte que encontrei para um artigo deste tamanho é fazer uma leitura subjetiva de cada uma das tendências impressas nas respostas dos 20 alunos a cada pergunta, tendo de reduzir muito as interpretações e apresentação de tabelas quantitativas por falta de espaço para as 15 páginas.

Assim, para a primeira questão “o que você entende hoje sobre o conceito de Linguagem Sonora?”, os resultados auferidos mostram que quatro dos cinco itens mais citados pelos alunos – resultando em 100% das respostas no início da disciplina e 85% das respostas ao final da disciplina – mostram tendência de manutenção da percepção ou de melhora, porque os outros 15% responderam na fase final que os estudos e práticas de composição e produção de áudios informativos estão envolvidos com questões sociais e culturais. No início do curso esse percentual foi de zero.

Para a questão “Você ouve podcasts? Se sim, qual tipo de podcast?”, o mais surpreendente desta apuração é que, entre os 8 (40%) entrevistados que responderam que não ouviam podcasts no início da disciplina, 2 (10%) não sabiam do que se tratava a palavra podcast. Eles passaram a saber, e o indicativo está em que, na saída da disciplina, apenas 20% não ouvia, mas todos sabiam do que se tratava.

Para a pergunta “Como você percebe o som enquanto componente de mensagens comunicacionais?”, caem em 20 pontos percentuais ao final da disciplina a quantidade de respostas genéricas dadas no início sobre som relacionado à fala, linguagem,

interpretação, mensagem, e ainda relacionando com imagem com prevalência desta última. Enquanto isso, sobem ao final em 15 pontos percentuais as referências ao Rádio como meio principal de comunicação sonora.

Sobre a questão “O que você conhece sobre a potencialidade e importância do som na informação jornalística?”, os alunos demonstram que ampliaram suas percepções sobre a incidência e importância do som na informação, independentemente da plataforma. Nesta questão, o Rádio mantém-se no mesmo patamar de 35% do público, tanto no início, quanto no começo como citação, não apontando evolução na atribuição da importância ao meio, embora o conteúdo da disciplina tenha enfatizado essa importância.

Diante da questão “Vê alguma vantagem na produção da informação exclusivamente sonora, diante da produção da informação audiovisual, com imagem em movimento, ou mensagens escritas?” a maioria de 75% demonstra invariabilidade, entre o início e o fim do processo, no que tange à importância do rádio e suas características, mas 25% mostra ao final indicações de estímulo à imaginação e atenção na escuta que o som provoca. Manteve-se absolutamente igual, tanto no início, quanto ao final da disciplina o percentual (20%) de alunos que disseram não ver vantagem no som exclusivo como condutor de informação, atribuindo propriedades positivas a uma convergência que incluía som, imagem e texto.

Conclusão

O resultado geral do questionário aplicado parece demonstrar que houve algum ganho dos alunos com a presença da disciplina *Linguagem Sonora* por um semestre. Ao menos, em uma leitura transversal sobre o potencial de respostas, pode-se perceber que os alunos ou mantiveram ou passaram a valorizar, em primeiro plano, o Rádio como meio. Em segundo plano, mas não menos importante, o não consumo de som informativo transitado em áudio por internet, ou não conhecimento em alguns casos sobre podcast, a demonstrar que esse produto, quando com características essencialmente sonoras, não está na “timeline” de uso dos jovens estudantes de Jornalismo que se iniciam nesta Universidade privada da região sudeste do país. Na generalidade, esse resultado de auto percepção é menor do que a expectativa da pesquisa, que buscava um patamar mais significativo de evolução dos alunos na percepção da importância do som na informação, com consequente demonstração de

compreensão sobre o som possível que vincule o áudio e o rádio como elementos de importância social, a assinalar uma evolução cultural do alunado foco da pesquisa. Comprova-se aqui um dos pensamentos do filósofo austríaco Karl Popper quando discute teorias de métodos científicos e defende o que chama de “método empírico”, em que deve existir uma demarcação ao que se quer provar com uma pesquisa científica, e que se devem adotar regras “que assegurem a possibilidade de submeter à prova os enunciados científicos, o que vale dizer a possibilidade de aferir sua falseabilidade” (POPPER, 1993, p. 51). Por outro lado, o grande ponto positivo é a evolução de 15% do alunado, entre o início e o fim do processo, a citar a relação que a disciplina busca, de aproximação entre a produção de informação sonora e temas sociais e culturais.

Bibliografia

- BALSEBRE, Armand. **El language radiofónico**. Madrid: Cátedra, 2007, 5ª edição.
- CABRAL, Sérgio. **No tempo de Almirante**: uma história do rádio e da MPB. Rio de Janeiro: Lumiar Editora, 2005.
- CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio en la convergência multimedia**. España, Gedisa, 2001.
- DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE JORNALISMO. Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de educação Superior. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192. Último acesso em 18/06/2017.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007, 3ª edição.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GAMBARO, Daniel. **Tutorial do Audacity**: uma visão geral para amadores e iniciantes. Fev/2010. Acessível em http://culturadigital.br/falalivre/files/2015/04/tutorial_audacity_amplo.pdf. Último acesso em 25/06/2017.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da ciência dos jornais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- HAUSSEN, Doris Fagundes. **Rádio, populismo e cultura**: Brasil e Argentina. *Revista Famecos* – mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre: novembro de 1996. p. 50-56.

Acessível

em

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/2947/223>

Último acesso em 25/06/2017.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso**: a síntese radiofônica mundial que fez história. Porto Alegre: AGE: Edipucrs, 2011, 2ª Edição.

MEDITSCH, Eduardo, apud FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: teoria e prática. São Paulo: Summus, 2014.

MURCE, Renato. **Bastidores do rádio**: fragmentos do rádio de ontem e de hoje. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **Radiojornalismo no Brasil**: fragmentos de história. Revista USP, São Paulo, n. 56, p. 66-85, dezembro-fevereiro 2002-2003.

POPPER, Karl Raimund. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Editora Cultrix, 9ª edição, 1993.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

UNESCO. **Modelo curricular para o ensino do jornalismo**. Paris: UNESCO, 2007.

RAMOS, Daniela Osvald. **A expansão do jornalismo para o ambiente numérico**. Curitiba: Appris, 2016.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VARGAS, Vera do Carmo Comparsi de. **O uso do questionário em trabalhos científicos**. Universidade Federal de Santa Catarina, s/d. Acessível em http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2013_2/O_uso_de_questionarios_em_trabalhos_cientificos.pdf Último acesso em 02/07/2017.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____ **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar**: a história da notícia de rádio no Brasil. Florianópolis: Insular, 2012.